



LINGÜÍSTICA, MATERIALISMO, (INTER)DISCURSO: ELEMENTOS PARA UMA LEITURA DE *SEMÂNTICA E DISCURSO*¹

Mara Glozman²

Traduzido por Luciana Iost Vinhas³

Revisado por Millaine de Souza Carvalho

Estamos diante de um livro, como sabemos, emblemático e singular; traduzido para o inglês e para o português; citado e referido em nossa língua; e também recortado, às vezes na tentativa de manualizar certas noções vinculadas aos estudos do discurso que encontram aqui não sua instância fundadora, mas seu momento de articulação teórica (*formação discursiva, pré-construído, interdiscurso*).

Em muitos casos, o “uso” de tais noções (*formação discursiva, pré-construído, interdiscurso* em menor medida) ou de expressões que carregam seus ecos (condições de *formação do discurso, interdiscursividade*) omite diretamente a tecitura teórica e militante da qual emergiram. Omite-se, na materialidade da omissão, não somente um nome, mas um presente e um modo de habitar esse presente, no qual os posicionamentos e as intervenções teóricas não aconteciam sem implicar-se e assumir os efeitos disso. Omite-se aí, na materialidade da omissão, o laço constitutivo que articula, nessas noções, a análise do desenvolvimento histórico de certas esferas do conhecimento (filosofia da linguagem, gramática e retórica, linguística) e a produção da teoria transformadora capaz de substituir as perspectivas idealistas e liberais que são criticamente examinadas.

Em algumas ocasiões, o nome de Pêcheux, e este livro em particular, aparece em uma relação (mítico-fundacional) com essa unidade imaginária estabilizada sob o rótulo “Escola

¹ Nota da Tradução: O livro “Les Vérités de La Palice: linguistique, sémantique, philosophie” foi traduzido para o castelhano como “Las verdades evidentes: lingüística, semántica, filosofía”. O título do texto de Mara Glozman apresenta a primeira parte da tradução do título para o castelhano, *Las verdades evidentes*, que, para acompanhar a tradução do título em português, feita por Eni Orlandi (et al.), substituímos por *Semântica e discurso*. Essa mesma substituição foi feita em todas as referências a *Las verdades evidentes* ao longo do texto.

² Referência completa da publicação original: GLOZMAN, Mara. Lingüística, materialismo, (inter)discurso: elementos para una lectura de *Las verdades evidentes*. In: PÊCHEUX, Michel. *Las verdades evidentes: lingüística, semántica, filosofía*. Traduzido por Mara Glozman [et al.]. Buenos Aires: Ediciones del CCC, 2016. p. 7-18.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFRGS e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS e da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Líder do grupo de pesquisa Ordinário do Sentido e Resistência (UFRGS/CNPq) e membro dos grupos de pesquisa Mulheres em Discurso (UFRGS/CNPq) e Estudos Pêcheuxtianos (Unipampa/CNPq).

francesa de Análise do Discurso”, rótulo que funciona como diferenciador, assinalando uma demarcação nominal em relação a *outras* perspectivas de “análise de(o) discurso”, por exemplo, abordagens de vertente anglo-saxã sustentadas em uma matriz funcionalista.

Mas, mesmo com o nome (de) Pêcheux nas referências, o exercício de reproduzir certas definições se adequa bem às exigências de alguns campos; no entanto, implica o risco de opacizar a potência teórica, política e epistemológica que estrutura o livro como um todo. E, nesse movimento de recorte e dissecação, os problemas nodais que impulsionam *Semântica e discurso* tendem a cair no “esquecimento”, ficando fora de visibilidade: a produção de conhecimentos científicos e a prática política revolucionária. É na articulação com esses problemas que os processos discursivos, a língua, a enunciação, a questão do sentido e do sujeito aparecem como elementos a serem teorizados.

Uma leitura de *Semântica e discurso* coloca, então, em suspenso o efeito de consenso institucional e de tradição nacional produzido pela combinação “Escola francesa de Análise do Discurso”, que faz funcionar retroativamente os escritos pecheutianos como “antecedente” de tendências posteriores que reafirmam as perspectivas comunicacionais e enunciativas analisadas em *Semântica e discurso* como reprodução, sob a forma de teoria, do idealismo liberal.

Esta publicação é, portanto, um convite para ler *Semântica e discurso* em si, a ver o que ele nos diz, o que produz, como nos forma e quem mobiliza, com trajetórias de vida, inquietações e perspectivas variadas. Estamos interessados nos problemas e teorias do discurso, nos problemas e teorias da linguagem – da língua –, nos problemas e teorias do sujeito, nas práticas políticas transformadoras e nos processos de produção do conhecimento. É um convite para percorrer um material intenso, de uma profundidade analítica incomum, que transcende as lógicas da leitura funcional. A cada passo, a cada definição, precisamos retornar à pergunta sobre seu funcionamento agônico e antagônico: que debates, que combates, estão sendo travados quando se (re)define *formação discursiva*; que debates, que combates, impulsionam o trabalho sobre o sentido, as evidências, os esquecimentos e o imaginário em *Semântica e discurso*?

Publicado em 1975 pela editora Maspero, na coleção “Théorie” dirigida por L. Althusser, com o título *Les vérités de La Palice. Linguistique, sémantique, philosophie*, este volume é um elemento substancial daquela “frente de luta teórica e ideológica” na qual, por seu papel em um ou outro dos problemas apresentados, a linguística, com seus (trans/des)bordamentos⁴ e processos de formação, ocupa um lugar relevante.

A linguística é um dos lugares nos quais se trava essa luta teórica e ideológica, porque é percebida como um meio de produção de teoria científica transformadora e, também, ao mesmo tempo, porque nela se aninham e se propagam evidências que reproduzem o discurso dominante *sobre* a linguagem e *para além* da linguagem: a concepção individualista e subjetivista (da linguagem), a concepção voluntarista do sujeito (falante) como dono (de seu dizer), a concepção empirista da “diversidade” (linguística) entre “grupos sociais”. E essas evidências se propagam não apenas “no interior da” linguística, mas, também, no seio das “ciências humanas”, para as quais essa disciplina havia operado como “ciência piloto” / “modelo de cientificidade”. Era preciso, então, travar essa disputa, intervir na correlação de forças para fazer prevalecer, na linguística, seus elementos transformadores sobre seus elementos retardatários. Vários artigos publicados na França nos primeiros anos da década de 1970 podem ser lidos nessa direção, entre eles “Parole/discours” (1972), de P. Kuenz, e “La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours” (1971), de Pêcheux, C. Haroche e P. Henry.

É nesse artigo de 1971 que aparece a primeira definição pecheutiana de *formação discursiva* – cuja formulação se mantém relativamente estável em 1975 – no contexto de uma discussão epistemológica sobre o corte saussuriano (*linguagem/língua/fala*) e sobre a tensão, entendida como contradição constitutiva, entre a ruptura científica que o *Curso de linguística geral*, de F. de Saussure, instaura com os conceitos teóricos de *sistema* e *valor*, por um lado, e o sentido comum retrógrado que envolve a noção de *fala* como ato individual, assistemático e voluntário, por outro. No início dos anos 1970, delineava-se, assim, uma leitura crítica do funcionamento desses conceitos e noções da linguística que impregnavam escritos e análises dispersos.

⁴ Nota da Tradução: No original, a autora empregou o termo “(des)bordes”, que coloca, ao mesmo tempo, pelo menos três direções de sentido: o verbo *desbordar*, que poderia ser traduzido para o português como *transbordar*; o substantivo *bordes*, que poderia ser traduzido para o português como *bordas*; e a negação da borda, como *des-borde*. Ao realizarmos a tradução de *desbordes* como *transbordamentos*, perde-se a negação presente no prefixo *des*, mas mantém-se o sentido do verbo *desbordar* e a relação com *borda*. Assim, para manter o sentido do verbo e, também, a negação, optamos pela tradução *(trans/des)bordamentos*.

Em particular, aquele artigo de 1971 problematiza os efeitos do corte saussuriano no campo da semântica, quer dizer, no que diz respeito à questão do significado. Nesse ponto, “La sémantique et la coupure saussurienne”, visto a partir da atualidade, se mostra como um texto que aponta para duas direções: de um lado, dirige seu olhar para um momento anterior da produção pecheutiana, na direção da denominada Análise Automática do Discurso (AAD, 1969); de outro lado, projeta-se rumo a uma teoria materialista do sentido. Nesse âmbito, entre o dispositivo da AAD e um segundo momento de discussão epistemológica, emerge uma problematização em torno da semântica, a linguística como “disciplina” e a questão do sentido, que envolve, em um feixe complexo, sujeito e ideologia, formações sociais e antagonismo de classes, mecanismos sintáticos e aspectos vinculados à conformação de corpora.

No que concerne à relação entre semântica e linguística, seria possível precisar essa perspectiva – que é retomada e aprofundada em *Semântica e discurso* – afirmando que a linguística tenha trabalhado especialmente bem as zonas próprias da materialidade significante: os fonemas e suas relações estruturais no nível morfológico, a frase e as relações sintáticas. Mas a semântica, segundo essa perspectiva, é de outra ordem: a semântica não pode ser pensada de maneira análoga a mais um nível no interior do sistema linguístico. Não há, em última instância, lexemas, unidades do nível lexical, com seu significado dado de antemão. Fissura-se, dessa maneira, a ideia de que as palavras portam um significado estável e o transportam em direção à frase, à oração/proposição, ao texto. É uma posição que causa estranhamento, inclusive – e sobretudo – práticas cotidianas que não imaginamos marcadas pela ideologia: o “simples ato” de procurar uma palavra qualquer em algum dicionário ou de “tomar como óbvio” o seu significado.

Essa posição não somente propõe que o sentido – tal é o termo teórico em *Semântica e discurso* – não é algo próprio e natural das expressões; propõe explicar como e por que se “dá” (se reproduz em cada um e “sem sombra de dúvidas”) esse fenômeno de percepção natural da relação entre palavras e significado. E, nesse processo explicativo, desempenha um papel importante o olhar analítico sobre a produção dos conhecimentos: essa evidência, a obviedade da relação entre as palavras e seu significado, é o pilar invisível sobre o qual se erguem, se não todas, ao menos boa parte das teorias linguísticas e da filosofia da linguagem. Teorias e perspectivas que se percebem a si mesmas como antagônicas ou divergentes sustentam-se, no entanto, sobre essa mesma evidência.

As perguntas formuladas nas publicações de 1971-1975 implicam uma desestabilização da evidência na relação não mais (apenas) entre as palavras e as coisas – pilar e problema do referencialismo filosófico anglófono e do realismo soviético –, mas (também) a desestabilização da evidência na relação entre palavras e conceitos, quer dizer, formulada a partir do *Curso de linguística geral*, a revisão da associação – não “natural”, mas estável, um laço “dado de antemão” – de um significado a um certo significante no sistema da língua.

A posição de estranhamento diante do sentido e diante da relação entre significado e significante, moldada por uma leitura lacaniana que não cessa de produzir hiatos, acompanha, desde então, todos os materiais pecheutianos.

Vários escritos de 1981-1983 produzem, com essa desestabilização, uma inflexão nas operações e nos gestos de leitura, no trabalho material sobre os textos e arquivos, na análise das marcas da memória discursiva, em uma perspectiva de análise e interpretação de discursos. Em *L'inquietud du discours*, compilação de D. Maldidier (1990), e em *Análise de Discurso*, seleção de textos de E. Orlandi (2012), é possível acompanhar alguns aspectos do percurso dessa posição de estranhamento semântico na “última fase” pecheutiana. Em *O discurso: estrutura ou acontecimento*⁵ (1983), essa posição alcança uma profundidade feroz.

1971-1975 dá, ao contrário, uma resposta de outra ordem. É outro momento do capitalismo mundial, outro momento para o marxismo e para o marxismo francês, outro momento no que diz respeito à valoração da teoria, e também no que concerne às perguntas da linguística. É um momento de explosão de *questões de semântica*. Desde as décadas de 1950-1960 já se vinham apresentando e circulando diversos enfoques sobre a descrição (e, em alguns casos, explicação) da composição do significado lexical, perspectivas estruturais – nem todas estruturalistas – em torno da semântica como “ramo disciplinar”, “nível”, “objeto” dos estudos linguísticos; momento em que, no interior do gerativismo, se discutia o papel e o lugar – estrutural-representacional – que deveria ocupar a “informação semântica” nos modelos gramaticais, discussão que gerava, inclusive, cisões periféricas nas redes chomskianas.

Isto é, o subtítulo de *Semântica e discurso*⁶ indica um para-além de Pêcheux e da produção pecheutiana não somente, mas também, no que diz respeito aos estudos linguísticos. Um brevíssimo panorama histórico mostra alguns fios dessa trama. Na primeira metade do

⁵ Nota da Tradução: Em espanhol, o texto *Discourse: structure or event?* foi traduzido como *El discurso, ¿estructura o acontecimiento?*. A publicação em português apresentou uma versão sem o ponto de interrogação final.

⁶ Nota da Tradução: Lembramos que se trata do subtítulo original da obra: *linguistique, sémantique, philosophie*.

século XX, os estudos e debates linguísticos concentraram-se, em grande medida, na análise e teorização das formas significantes, majoritariamente – embora não apenas – na fonologia; em alguns casos, os problemas do significado eram relegados de maneira explícita, e ignorá-los fazia parte do “método descritivo”, por exemplo, na perspectiva de L. Bloomfield, figura representante e central do estruturalismo estadunidense. A partir de meados do século, ao contrário, a semântica foi exigindo maior relevância nos debates teóricos, representacionais e metodológicos.

Mas as questões de semântica não interessam, em *Semântica e discurso*, em si, ou, melhor dizendo, para si; muito menos se vinculam à demarcação de uma posição argumentativa em uma ou em outra polêmica no interior de uma “disciplina”, “campo” ou “paradigma”. A semântica interessa, aqui, porque é um território que, visto a contrapelo, permite formular uma série de perguntas: de onde *surge* o sentido, de onde *se origina*, como *se produz*? Se não vem da língua, já produzido por seus mecanismos, será na fala e, por conseguinte, na escolha de um indivíduo que opta por certas palavras e formas de dizer?

O olhar pecheutiano lê na semântica (e na recorrência, nos estudos sobre semântica lexical, de definições circulares que têm a forma de “verdades evidentes” tais como *solteiro significa não casado*) o sintoma de uma série de obstáculos epistemológicos que constituem o ponto cego dos estudos sobre a linguagem – linguísticos e filosóficos –, porque pensar o problema do sentido implica pensar o problema do sujeito, os mecanismos de produção do sujeito como efeito da Ideologia (veja-se “La problemática teórica althusseriana y *Las verdades evidentes*” neste mesmo volume⁷).

Dá surgem *formações discursivas* – assim, no plural – como uma nova posição (nem da língua, nem da fala), como a possibilidade de explicar o processo mediante o qual se formam sentidos e relações de sentido, como elemento que, ao estar caracterizado constitutivamente por relações de antagonismo desigual e imbricado com o conceito althusseriano de formações ideológicas, é capaz de produzir uma “mudança de terreno” na análise das práticas de linguagem, um deslocamento suscetível de intervir na luta (teórica) de classes.

O que fazer com a semântica não é somente um assunto de linguistas e de filósofos.

⁷ Nota da Tradução: A autora faz referência ao texto de Pedro Karczmarczyk publicado no mesmo livro, cuja tradução também está publicada no presente dossiê, intitulado, em português, “A problemática teórica althusseriana e *Semântica e discurso*”.

Poderíamos dizer que o nó, o núcleo duro de *Semântica e discurso*, é a produção de uma teoria do discurso. E preferimos, neste ponto, priorizar *teoria* a *análise*.

A expressão *análise de(o) discurso* aparece em diversos trabalhos de Pêcheux, em *Análise Automática do Discurso* (1969) e, também, em publicações posteriores a 1975, por exemplo “L'étrange miroir de l'analyse de discours”, com o qual Pêcheux introduz, na revista *Langages*, o conhecido artigo de J.-J. Courtine “Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens” (1981).

Quando, ao final de sua vida, Pêcheux retoma sua trajetória para traçar uma periodização da denominada “Análise de discurso”, ele enquadra, com esse termo, as três etapas que distingue e que poderiam ser pontuadas por determinados anos-texto: a primeira, 1969; a segunda, 1975; a terceira, 1980-1983 (esta última, “etapa atual” em relação ao momento de produção da periodização). Quer dizer, em 1983, quando Pêcheux distingue três “épocas” que envolvem sua trajetória e produção (nos referimos ao artigo “Análise de discurso: três épocas”, incluído na compilação de Maldidier), as três ficam caracterizadas, para além das diferenças teóricas e operativas que são assinaladas, sob o efeito homogeneizador da denominação *AD* (“Análise de Discurso”): *AD-1*, *AD-2* e *AD-3*.

Ora, tal denominação, e ainda mais quando toma a forma de uma sigla, opaciza os sentidos heterogêneos que se inscrevem no significante *análise*. Que tipo de práticas ela mobiliza, que redes conceituais, que aspectos de uma episteme?

O dispositivo estrutural proposto pela AAD em 1969 imprime à *análise* o valor de mecanismo automático: uma “máquina discursiva” que permite construir formalmente a estrutura que produz as frases e os enunciados de um corpus, independentemente de qualquer intenção ou vontade de um sujeito falante; uma “máquina” que explicita as regras e operações algébricas que produzem uma série estruturada de sequências, e não outra, considerando um feixe de variáveis que determinam suas condições de produção. Qualquer ressonância entre a AAD e a Gramática gerativa – especialmente *Aspectos de uma teoria da sintaxe* (1965), de N. Chomsky – não é mera coincidência. Esse procedimento mantém, enquanto tipo de operação e com fins bem diferentes, relação com o método distribucional proposto para a “análise de discursos” (combinações estruturadas de frases e orações) pelo linguista norteamericano Z. Harris, com quem Chomsky se formou. Mas não se trata (apenas) de trajetórias e figuras;

outros pontos de ligação podem ser estabelecidos entre aqueles anos 1960: o desenvolvimento computacional, a expectativa despertada pela potência dessubjetivante das interpretações produzidas pelas máquinas, ao modo da máquina de Turing.

Entre 1980-1983, *análise* tem outro funcionamento, ligado à leitura, à identificação de traços heterogêneos que podem remeter a distintos domínios de memória discursiva, a diferentes temporalidades nos textos e arquivos, ao trabalho no e com o espaço aberto pelo equívoco e pelos pontos de deriva possíveis de um enunciado. Diríamos que, dos escritos de 1980-1983, deriva o necessário postulado de um *analista*; coloca-se em jogo uma posição de escuta. “Análise de discurso” aparece, então, de modo recorrente e em lugares diversos, às vezes – “L’étrange miroir de l’analyse de discours” – com referências diretas à preferência que teve a “análise de discurso político” na França. Nos últimos trabalhos, em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983), analisar é interpretar, analisar é interpretar no espaço daquilo que escapa incessantemente à distinção entre *o mesmo* e *o outro*, nessa radicalidade do estranhamento à qual nos referimos mais acima. Pensemos que, nesse mesmo texto, nesse último texto mesmo, aparece também um estranhamento declarado concernente às práticas políticas do marxismo (francês), estranhamento que vale a pena tentar compreender a partir de um ponto de vista materialista.

Semântica e discurso está, nesse aspecto, tão distante de 1969 quanto de 1983: não trata sobre o como ou o quê de uma “análise de discurso”; de fato, essa expressão não aparece no escrito. *Semântica e discurso* se distingue, se destaca de todos os demais trabalhos sobre o discurso – e não somente dos pecheutianos – justamente pela preeminência da teoria, porque realiza uma aposta teórica que se move em um plano não apreensível *mediante* uma “metodologia” e que, por isso mesmo, conduz a uma problematização da ideia de “técnicas ou ferramentas de/para análise de(o) discurso”.

Isso não significa que não haja uma observação e um trabalho analítico com/sobre os processos discursivos, com/sobre as práticas de linguagem; ao contrário, a profundidade do trabalho analítico que se abre é enorme. Mas é preciso entender aqui o analítico com a complexidade teórica que ele envolve. *Semântica e discurso* propõe, pois, elementos teóricos para “uma análise materialista das práticas ‘de linguagem’” (p. 17)⁸, o que implica “uma

⁸ Nota da Tradução: A paginação de todas as citações da obra *Semântica e discurso* é referente à versão publicada em castelhano, cuja referência completa está disponível na nota de rodapé nº 2.

análise científica dos processos discursivos, articulando, no *materialismo histórico*, o estudo das superestruturas ideológicas, da teoria psicanalítica e da investigação linguística” (p. 190).

Poderíamos dizer que o nó, o núcleo duro de *Semântica e discurso*, é a produção de uma teoria materialista do (inter)discurso.

Materialista não é, aqui, uma referência associada, de maneira corrente, a uma denominação, mas a uma tomada de posição que, justamente por sua inscrição no materialismo histórico, envolve uma totalidade complexa e articulada de aspectos. O adjetivo *materialista* se sustenta, então, na consideração, extremamente relevante neste projeto, da especificidade das distintas esferas e materialidades em jogo nos problemas que aborda e no horizonte de compreensão das relações entre as formas envolvidas (por exemplo, relações entre práticas discursivas e práticas ideológicas). Esse complexo inclui, a partir de uma posição marxista-leninista, também as formas diferenciadas das práticas científicas e das práticas políticas, a materialidade do significante, a materialidade do inconsciente, seus efeitos e mecanismos, a materialidade do imaginário que se desdobra na enunciação, suas formas e funcionamentos, a materialidade da língua. Quer dizer, a reunião teoricamente articulada de um conjunto de elementos que se referem a perguntas e questões que costumam ser pensadas e/ou estudadas separadamente.

O último ponto da enumeração é decisivo. O conceito de *formações discursivas*, que, em uma leitura rápida, pode parecer equidistante (“nem com a língua nem com a fala”), tem na formulação saussuriana de *língua* sua condição de possibilidade: em última instância, um *sistema de valores puros*, isto é, um *sistema de relações de oposição*. Em *Semântica e discurso* há, pois, uma tomada de posição a favor da língua como materialidade e forma específica e, por conseguinte, a favor da necessidade da contribuição da linguística na produção de conhecimentos científicos. O conceito teórico de *língua* não é condição suficiente, mas necessária para uma teoria materialista do discurso.

Compreende-se, assim, sem pretender fazer uma interpretação teleológica, que existe uma relação entre a reflexão teórica sobre o discurso e a análise histórica e epistemológica das teorias e políticas linguísticas. Se atentarmos para o papel que essas questões têm em *Semântica e discurso*, poderemos ler, com outro tipo de perguntas, tanto os escritos pecheutianos sobre o discurso quanto o volume que Pêcheux e F. Gadet produzem, em 1981,

especificamente sobre a língua: *La langue introuvable* (traduzido em 1985 no México como “La lengua de nunca acabar”⁹). Não basta, então, o gesto disciplinar clássico de delimitar o “objeto de estudo”: há quem estude a língua, há quem estude o discurso. *Língua e discurso* tampouco se constituem da mesma forma. Trata-se de materialidades diferentes, cuja relação é preciso pensar.

Daqui derivam vários problemas e eixos de questionamento que atravessam o livro. O que implica ter um olhar *marxista* sobre essas questões? Como se estabelece a relação entre a análise/o estudo das práticas linguísticas e/ou discursivas e as relações de antagonismo desigual entre classes sociais? Ou, dito de outro modo, onde reside, onde se realiza, onde se observa, o antagonismo de classe em “matéria de linguagem”?

Semântica e discurso (e, depois, *A língua inatingível*) abre, nesse sentido, uma discussão com certas correntes “empiristas” que, desde então, não deixaram de ter visibilidade, sob diferentes formas. Referimo-nos a enfoques que, situados, em alguns casos, no âmbito educacional, buscam *solucionar* essas questões com a ideia de que os diversos “grupos” ou “classes sociais” fazem um “uso” diferente da língua ou se caracterizam por “possuir e utilizar” variedades linguísticas distintas. Em muitos casos, esses enfoques se sustentam metodologicamente sobre o estabelecimento de correlações entre, por um lado, “grupos sociais” (ou “socioculturais”) definidos de antemão – por exemplo, mediante “variáveis extralinguísticas” – e, por outro, variantes nas formas ou nos “usos linguísticos”. As próprias ideias de “uso linguístico” ou “função linguística” soam estranhas a partir do olhar pecheutiano.

Em *Semântica e discurso*, em contrapartida, a língua (e seus mecanismos) é postulada como a base material sobre a qual/a partir da qual se produzem os processos discursivos, as relações de paráfrase, sinonímia, antítese que se desenvolvem no interior de uma formação discursiva dada; a mesma base material, isto é, a mesma base linguística: onde *se dá* o antagonismo é na materialidade discursiva, na relação *entre* formações discursivas. E a língua é a base material a partir da qual se produzem os dois funcionamentos do interdiscurso: o efeito de pré-construído e o discurso transversal/articulação. A sintaxe – e alguns de seus mecanismos centrais, como o encaixe – joga aqui um papel importante.

⁹ Nota da tradução: “A língua de nunca acabar”. Em português, o livro foi traduzido como “A língua inatingível” por Eni Orlandi.

Chegamos, desse modo, a um último ponto: uma teoria materialista do discurso é, na verdade, uma teoria do *interdiscurso*. Esse conceito, que possui um status teórico, epistemológico, que não “se concretiza” em um uso operacional, implica, no entanto, uma enorme potencialidade analítica e explicativa.

Perguntávamos, mais acima, em uma deriva dos questionamentos: o que a “questão semântica” desencadeia? De onde *surge* o sentido? Onde *se origina*? Como *se produz*? O sentido faz parte das evidências do saber de/para um sujeito. Há outros elementos do saber que também se apresentam no discurso dessa forma: enunciamos tais elementos como próprios, os enunciamos como ideias e perspectivas pessoais – ou como de algum coletivo, em cujo *nós*, a voz que enuncia se ancora –, Vontade e convicção de um sujeito falante? Ao contrário, dizíamos, um sujeito produzido e identificado com/por determinada formação discursiva.

Interdiscurso é, então, um conceito central, porque permite compreender que diferentes formações discursivas, ainda que formações discursivas antagônicas, se alimentam de “um mesmo” espaço de evidências. *Interdiscurso* é um conceito necessário para compreender os funcionamentos e processos discursivos: designa a instância onde se formam os enunciados, os sentidos e as relações de sentido, os objetos de saber que se (re)inscrevem no “discurso do sujeito”, isto é, *independentemente* de e *no* próprio dizer de um sujeito (falante). Como elemento teórico articulador, faz, portanto, com que seja preciso perguntar-se uma e outra vez: *quem fala*?

O *interdiscurso* nos adverte que, *para além* das vontades, das estratégias e das decisões que afetam um plano da materialidade discursiva (o plano mais imediatamente identificável e visível, que opera no *quem é quem* da identificação comunicacional), há uma totalidade complexa de formações discursivas que determina o que pode e o que deve ser dito a partir de certas posições estruturais (de natureza relacionais), em um momento caracterizado por determinadas correlações de forças. Pensando tanto nas práticas políticas quanto nos lugares e formas de produção de conhecimentos, essa dimensão pode, cada vez mais, tornar-se fundamental para uma análise de conjuntura.

Longe dessa imagem redutora e simplista que alguns, nos anos 1990, construíram sobre Pêcheux – particularmente sobre seus escritos de 1975, que retomam e colocam em

funcionamento “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado” –, estamos diante de um texto assertivo, que expõe teses e alcança conclusões, mas que não cessa de abrir, de produzir desdobramentos, de desestabilizar o que “parece evidente”, de (se) perguntar por suas próprias condições de emergência. É um texto que pensa e faz, que não se realiza no puro nível do imaginário e das práticas apenas teóricas; não diz interrogar, ataca. E, quando parece que está chegando a certa estabilidade, que finalmente podemos exclamar “é isto, eis o objeto!”, surgem *novas* observações, *outros* questionamentos, rodeios que voltam, com olhar transformado, sobre observações formuladas em outras partes do volume.

A leitura de *Semântica e discurso*, inscrita na história e inteiramente inovadora, é disruptiva da ordem habitual, e não apenas no que é enunciado, mas também nas formas discursivas, nos modos de construção das séries de sequências, nos vaivéns e reiteraões, nos mecanismos recursivos (e necessários) da definição, nos movimentos das citações e referências, no desdobramento denso e multifacetado da polifonia.

Por que semelhante profusão de vozes e fragmentos textuais? O que fazem ali, trazidas de lugares e de momentos dispersos, todas essas vozes e citações com as quais nos deparamos assim que se começa a leitura?

As vozes trazidas, aquelas que são citadas ou evocadas, não respondem, em seu funcionamento, aos mecanismos que costumam dominar hoje em dia o “discurso acadêmico” ou o “discurso de pesquisa”: essa dicotomia entre polêmica e sustentação, entre vozes que legitimam e vozes com as quais se debate, não é suficiente para descrever tal estruturação polifônica. Há, aqui, algo de outra ordem. O texto mostra, em sua forma material, os modos pelos quais opera: expõe, observa, desmonta um conjunto de afirmações e pressupostos; sua matéria prima são teorias e definições enquadradas em teorias, em metalinguagens, em práticas metalinguísticas que se inscrevem, para utilizar uma denominação, no “campo científico”.

A tarefa de *Semântica e discurso* é, em grande medida, trabalhar as evidências que funcionam no interior das teorias da linguagem e que obstruem a produção de conhecimento epistemológica e politicamente relevante para uma teoria materialista. Um permanente movimento em espiral que envolve dois aspectos de uma mesma prática teórico-analítica: desnaturalizar, compreender, explicar por que, de que modo as evidências se reorganizam; propor, afirmar, explicitar teses e novos pontos de partida.

Recebido em: 03/12/2025; **Aceito em:** 05/12/2025.